LITERATURA DE CORDEL

INDEPENDÊNCIA OU MORTE!

✦ ✦ ✦



JOSÉ GUILHERME TELES

Distribuição gratuita



Cordel digital produzido e distribuído por **netmundi.org** com autorização do autor.

INTRODUÇÃO

O tema Independência
Grande mito brasileiro,
Forjou José Bonifácio
E o D. Pedro Primeiro
Como heróis nacionais,
Bravos, excepcionais,
De um país alvissareiro.

De Andrada se exaltou
Política habilidade,
De Pedro se elogiou
Nacional virilidade.
O grito do Ipiranga
Explicitou, na *varanda*,
Nossa nacionalidade.

A partir desse momento
Nosso *Sete de Setembro*
Vem sendo comemorado,
Desde criança, me lembro;
Com parada militar,
Com desfile escolar,
Da memória não desmembro.

Consagrada e defendida
É a representação:
Independência ou Morte,
De Pedro Américo, então.
Depois que ele a lançou
Logo ela se transformou
Na oficial versão.
Sendo militarizada
Essa oficial versão
Atendeu aos interesses
Republicanos então,
Com Deodoro brandindo

Seu chapéu e eclodindo
Republicana gestão.

O que nos mostram, é fato,
Essas representações
Que as mudanças se dão
Com fatos e com versões.
Quase sempre grandiosas,
Histórias esplendorosas
Que cativem atenções.

Essas versões, entretanto,
Desviam de outras, candentes,
Entre vinte e vinte e quatro,
Sendo nisso competentes,
Sobre a figura real
E a maneira pela qual
Vilas foram aderentes.

Não se trata de negar
Essas representações
Da independência, pois elas
Modelam aspirações;
Propagandeando bem;
Soberania, porém,
Pede mais ponderações.

No início dessa década,
Profusão de informações,
Políticos manifestos
E coletivas ações;
Atos individuais,
Sentimentos nacionais,
São diferentes questões.

É preciso refundir
Nunca se minimizando,

O coletivo Brasil
Foi assim, se delineando.
Foi de vital importância,
Estava em última instância
A todos representando.

Era preciso, entretanto,
Problema solucionar
Quem então teria a
Fortuna de angariar
O povo e bem febril,
As relações do Brasil
Com Portugal esgarçar?

Com o esgarçamento feito,
Comemorada então
Política liberdade
Do Brasil com a instauração
De autônomo organismo,
Tendo o protagonismo
Da sua população.

Um poderoso Império,
Dito Luso-brasileiro,
Há muito idealizado
Para ser alvissareiro.
Por elites confiantes:
Senhores, comerciantes
Que o viam sobranceiro.

Almejava conquistar
Essa *trupe*, com certeza,
Na política o mesmo
Conquistado com a riqueza.
Rixas para a implantação
De uma constituição
Para a nova realeza.

Outros, porém, ao contrário,
Viam na independência
A chance de melhorar
Sua vida na essência;
Portugueses no Brasil
Veem um país varonil,
Tem disso a consciência.

O IMPÉRIO PLANEJADO

A autonomização
Do Brasil não se restringe
Ou se esgota em vinte e dois,
O XIX atinge.
Nasce no Colonial,
Com a Guarda Nacional
O Pacto sim, rescinde.
Houve o fim das milícias,
Em províncias, tentativas
Da República implantar;
Ideias prospectivas.
Se tornar independentes,
Foram mesmo imprudentes
Com ações intempestivas.

Repensava-se o papel,
A ideia de colônia,
O estatuto foi revisto
Sem a menor cerimônia.
Império transoceânico,
Um Portugal bem orgânico,
Com cautela, parcimônia.

Desde o início, os lusos
Usavam o termo império
Para as suas possessões,
Num colonial critério:

Armas, cristianização
E também transplantação
De instituições, à sério.

Esse projeto nasceu
No Governo de Pombal,
Prosseguindo com Coutinho,
Bom amigo de Faynal.
Reformismo impulsionou,
Instituições plantou
Mas sob o poder real.

No Brasil, o Seminário
De Olinda foi implantado;
De Guardas, Academia;
Agronômico, montado;
Escola de Medicina,
Matemática *oficina*,
Imprensa Régia, acoplado.

Esse projeto de Império
Remete ao Padre Vieira
Que após a Restauração
Viu uma grande *clareira*
Para então inteligir,
Com Portugal emergir,
Do V Império, a ombreira.

Começando o XIX
Como terra emancipada
Era visto o Brasil,
A Metrópole ligada.
A autodeterminação
Torna aquela exploração
Ao passado, relegada.

POR DENTRO E POR FORA

Com a intenção de repensar
Vínculos coloniais
E temendo que insurgências
Se transformassem letais
Com a fragmentação
Dessa lusa possessão
Em países proximais.
Esse temor apressou
O projeto de reformas
De D. Rodrigo Coutinho:
Relações com novas formas.
Suas reivindicações
Regionais aspirações,
Quase que contrarreformas.

Ambicionando também
Literatura ilustrada,
Que no Brasil, em alguma
Biblioteca montada
Com livros devocionais,
Outros institucionais,
Pela colônia alastrada.

Pará, Minas, Pernambuco,
São Paulo, Rio de Janeiro;
Voltaire, Montesquieu
E um Rousseau sobranceiro.
Defendendo a autonomia,
Ilustrada companhia
Tornou tudo altaneiro.

A censura exercida
Permitia, entretanto,
A entrada e a saída
Desses autores, contanto,
Servisse de aprendizado
Para o local estudado,

Sem revés ou desencanto.

Na política externa
A lusa diplomacia
Adotou nova conduta,
Virtual acrobacia.
Europa humanidade
Nega belicosidade,
Mantém sua autonomia.

Com a dele, a do Brasil
Colônia sim, almejada
Pelos vizinhos em guerra,
Mudança foi planejada.
Quando as tropas francesas
Enfrentam as portuguesas
A Corte fez debandada

Pro Brasil que assim passou
A salvação do Império;
Relegado a menor plano,
Portugal tem revertério:
Entra em franca decadência
Com da Corte a transferência;
O luso saiu do sério.

RIQUEZA E PARTICIPAÇÃO

No Brasil, negociantes
Do Centro, Sul e Sudeste,
Vislumbraram com a Corte,
Melhorias, inconteste.
Maior participação,
Real aproximação,
Filantropia que apreste.
Comportavam-se também
Como os da fidalguia:
Vestes, gestos, residências,

Respeitando a hierarquia.
Autocontrole mantendo,
Moderados, condizendo,
Esbanjando maestria.

Havia contrapartida:
D. João retribuía
Atenções com privilégios,
Mercês, terra atribuía;
Direitos de exploração,
Títulos e sedução.
Quase uma idolatria.

Uma rede de negócios
Pelo Rio encabeçada;
Do Atlântico, à África
E o Brasil integrava.
Negociantes do Rio
Com dedicação e brio
Até o Prata alcançava.

Atravessava o Rio
Grande e Santa Catarina,
Revendendo couro, trigo,
Milho, hortaliça fina;
Seguiam rotas terrestres
Por terrenos bem agrestes
Como tropa peregrina.

Passava em Minas, São Paulo,
Mato Grosso e Goiás,
Aonde comerciavam
Gado, queijos, cereais;
Pelas vilas e fazendas,
Firmas de tropas e vendas,
Pousadas e ademais.

Isso tudo, entretanto,
Não trouxe o isolamento
Do Pará e do Nordeste,
Trouxe, outrossim, alento;
Seu comércio era legal
Com África, Portugal,
Da Coroa, assentimento.

Com isso há ordenação
De um pujante mercado
Gerando muita riqueza,
Que do Rio é liderado
Por elite que alargava
Seu poder, consolidava,
Do centro-sul propagado.

Ao se transformar em sede
Do governo português
O Rio ganha estatuto
De Coroa e altivez.
Ser sede da monarquia,
O que a elite queria.
Agora é toda levez.

Ocorreu grande mudança
Na sua população,
Até na sua conduta
Houve redefinição:
Negociantes ingleses,
Funcionários portugueses,
Militares de plantão,

Fazendeiros, diplomatas,
Da terra, negociantes,
Proprietários de escravos
E até mesmo meliantes.
Naquela diversidade

De gente, de atividade,
Posturas contagiantes.

A transferência da Corte
Causou interdependência
De palavras e etiquetas
De uma lusa ascendência:
Nobres recém-emigrados,
Modos socializados
Com a fluminense essência.

A Corte constituía
Um microcosmo centrado
Na figura do monarca:
O poder irradiado.
Houve o estabelecimento
De um bom comportamento,
Com o real nivelado.

O Rio recebeu então
Um enorme contingente
De escravos africanos
Para a elite dependente
Dos cativos nas fazendas,
Nas casas e nas vivendas,
Sempre atarefadamente.

Serviam para aluguel,
Circulando livremente
Nas tavernas, nas boticas,
Nas praças, cordialmente;
Alfândegas e mercados,
Igrejas, todos os lados,
Mas sujeitos, entremente

À castigos, punição,
Publicamente ou privada,

À pressão e violência
Pela relação pautada.
Mesmo com plasticidade,
Com flexibilidade,
Era hierarquizada.

A importância do Brasil
Fez com que governadores,
Sobre o caso do Haiti,
Sentindo grandes temores,
Alertassem o Monarca
Pra manter a sua marca,
Evitando dissabores.

O REI EM XEQUE
O ano de dezessete
É da autonomização,
Foi central pois incitara
Dos lusos, separação.
Paraíba, Pernambuco,
Rio do Norte com *trabuco*
Das tropas em adesão

Declaram independência,
Foram, porém, dominadas,
As reações do governo,
Rápidas e planejadas.
Decretaram-se prisões,
Pena de morte, sanções;
Riquezas são penhoradas.

A partir do ano vinte
O *Vintismo* se espraiou
Em Portugal e também
No Brasil que o apoiou,
Com a adesão de Belém,
Rio e Salvador também,

Com tropas facilitou.

Recorrer à tropa era
Um modo de organizar,
Botando ordem na casa,
À presença popular.
Mas esse procedimento
Não atendeu à contento.
Revoltas a se espalhar.
Negros escravos, libertos,
Pobres livres e mulatos,
Quilombolas, desertores
De variados extratos.
Recife, Olinda, Goiânia
No recôncavo, pavânia.
Maranhão, Pará, cordatos.

Os revoltosos, porém,
Foram presos, amorais,
E muitos deles sofreram
Expiações corporais.
Houve negociação
Do tipo de punição:
Que não fossem integrais.

DO CONTRATO SOCIAL

O Vintismo levantou
Debate sobre o *Contrato*,
Sobre a coletividade
Quase como um distrato.
Propunha a adoção
De monarquia, então,
Valorizando o estrato.

Pelo Estado recomposto,
As Cortes organizaram
Do Poder, repartição

E os regulamentaram.
Governo, Executivo;
Para as leis, Legislativo;
Judiciário, montaram.
A Assembleia recebeu
Muitas solicitações
Vindas de todo o império
E também indagações.
Todas foram mil dilemas,
A falar dos seus problemas.
Muitas especulações.

A censura foi suspensa,
Publicação volumosa
De panfletos e jornais,
Atmosfera brumosa.
Periódicos se expandem,
Independe que demandem.
É postura animosa.

No início de vinte e dois
O tema independência
Inda não entusiasmava,
Dele pouca evidência.
Havia mesmo tensão
Pela desintegração.
A *vizinhança* lembrava.

As Cortes ainda tentam:
Às Câmaras, importância,
Passaram a lugar de
Política militância,
Para negociação,
Pela autonomização,
Com as Cortes, dissonância.

Em junho de vinte e dois

As Câmaras começaram
Com a seguinte postura:
Às Cortes reivindicaram
Própria Constituição
Para legitimação
De tudo que pleitearam.

D. Pedro, por sua vez
Comprometeu-se então,
Sob sua liderança
Uma Constituição.
Pelo Brasil se espraiou,
Por todo canto vingou
Por D. Pedro, a adesão.

Entre junho e setembro
D. Pedro foi aclamado
Por mineiros e paulistas,
Mas não foi precipitado;
Encenou publicamente
Com o povo solenemente,
Um político contrato.

Rapidamente, o monarca,
Tendo do Rio o suporte
Convocou uma Assembleia
Constituinte, de sorte,
Que de modo contundente
O país é independente:
Independência ou Morte!

(Baseado em A Independência do Brasil, Iara Lis C. Souza, Zahar, 2000).



O AUTOR

JOSÉ GUILHERME Soares TELES, nasceu em Belém, Pará, em 25 de junho de 1949. É pai de seis filhos e avô de quatro netos. É jornalista, cordelista (acadêmico da ABLC, cadeira nº 13) e Professor. Se classifica como aprendiz de poeta.

Entre 2017 e 2020 publicou mais de 70 cordéis. Também em 2017, pela Editora Labrador, lançou o livro Pequena História do Rio de Janeiro, em cordel sextilha, com um glossário dos fatos históricos cordelisados na obra.

Em 2020 já publicou, além de folhetos, dois livros em cordel com ISBN, Poemeus II e Filosofando, a História da Filosofia. Além desses, publicou seu primeiro romance: Os Meninos da Mangueira e o livro infanto-juvenil: A Menina que perdeu a cabeça e outras histórias. *Chico Salles, o Menestrel, Luiz Gonzaga, o mestre do baião entre outros.*

E-mail: barreirotell@gmail.com

Tel.: (21) 99888-3013